

---

## Apresentação

### À luz da claraboia: o centenário de Saramago no Real

#### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a1074>

#### 1- JOSÉ SARAMAGO À LUZ DA CLARABOIA

O colóquio “À Luz da Claraboia: o Centenário de Saramago no Real” foi um dos acontecimentos mais importantes a que a efeméride evocada naquela designação deu lugar. Posso afirmá-lo com a segurança de quem, em vários lugares do mundo, assistiu a incontáveis iniciativas motivadas pelo Centenário de Saramago: colóquios, publicações, espetáculos e performances várias, exposições etc. O Brasil ocupou um lugar destacado neste alargado concerto de evocações, sempre orientadas para o aprofundamento de um legado literário de invulgar significado e projeção nacional e internacional.

Em harmonia com o que fica dito, sublinho o seguinte: as reuniões científicas como aquela que aconteceu no Real Gabinete Português de Leitura foram um dos eixos estruturantes do Centenário de José Saramago. Convocando quase sempre (mas não exclusivamente) participantes e públicos académicos, cada uma daquelas reuniões foi um *fórum* privilegiado para se fazer avançar o saber acerca do autor de *Memorial do Convento*. Também por isso, o Centenário de Saramago congregou muitos esforços e vontades de variada prove-

niência, estendidos agora à publicação dos contributos apresentados no colóquio. Assim, através do presente volume, fica disponível o registo daquilo que aconteceu de 30 de agosto a 1 de setembro de 2022; deste modo, leva-se mais longe o que se disse e ouviu no belíssimo auditório do RGPL.

O regime adotado para organizar o colóquio que aqui está em causa foi o da parceria. Assim, o comissariado para o Centenário e a Fundação José Saramago puderam beneficiar da colaboração de quantos (e foram muitos) quiseram associar-se à efeméride. Isso mesmo aconteceu com o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, contando com a abertura e com o entusiasmo do seu presidente, Dr. Francisco Gomes da Costa, e da minha velha amiga e colega, Prof.<sup>a</sup> Dra. Gilda Santos. Assim, em união de esforços, foi possível concretizar o que era inevitável e quase obrigatório: fazer de uma instituição prestigiada, com antiquíssimo historial de labor em prol da presença portuguesa no Brasil, a casa saramaguiana por excelência, nos dias em que durou o colóquio.

Acresce a isto que José Saramago, por várias vezes, beneficiou da hospitalidade do RGPL, iluminado sempre pela luz da claraboia que, por assim dizer, tutelou o colóquio em sua homenagem. Mais: ele mesmo recorreu à imagem da luz que do alto se projeta, no romance *Claraboia*, obra aparecida postumamente, em 2011, e que bem atesta os princípios de uma produção literária, em vários aspetos anunciada já naquele seu romance.

Em concordância com a Prof.<sup>a</sup> Gilda Santos, coorganizadora do colóquio, decidiu-se que ele contemplaria não um tema único, mas, tanto quanto possível, diversas obras de José Saramago, mais a pluralidade de sentidos que delas decorrem. Assim foi feito, em palestras, em mesas-redondas, em painéis e em apresentações *on-line*. A isto foram agregadas colaborações com outros formatos e intervenientes: os escritores Julian Fuks, Andrea del Fuego e Ondjaki (to-

dos Prémio José Saramago), este último numa experiência visual e musical, com Marcello Magdaleno, acolhida no Palácio de São Clemente. A exposição em painéis “José Saramago. Voltar aos passos que foram dados” esteve em exibição na deslumbrante sala de leitura do RGPL e ali foi vista por milhares de pessoas.

Na minha qualidade de Comissário para o Centenário de José Saramago e traduzindo também a posição da Presidenta da Fundação José Saramago, Pilar del Río, agradeço às entidades e às personalidades que tornaram possível o colóquio “À Luz da Claraboia: o Centenário de Saramago no Real”. Antes de mais, ao Real Gabinete Português de Leitura e ao seu Presidente, Dr. Francisco Gomes da Costa; ao Embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Luís Faro Ramos, e à Cônsul-geral no Rio de Janeiro, Embaixadora Gabriela Soares de Albergaria, que, além do apoio dado ao colóquio, honraram a sessão de abertura com a sua presença; à Conselheira cultural da Embaixada de Portugal, Dra. Alexandra Pinho. Pelo que me toca, deixo um agradecimento especial à Prof.<sup>a</sup> Dra. Gilda Santos, Vice-presidente cultural e do Centro de Estudos do RGPL. Sem o seu empenhamento e competência organizativa, o colóquio “À Luz da Claraboia: o Centenário de Saramago no Real” não teria sido possível.

Carlos Reis

Comissário para o Centenário de José Saramago

## **2- CELEBRAR O CENTENÁRIO: DO COLÓQUIO À REVISTA**

Em outubro de 2021, quando, em reunião do nosso Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, definimos as efemérides a comemorar em 2022, logo surgiu o centenário de José Saramago e prontamente lhe fixamos as datas e as primeiras diretrizes.

Em março de 2022, o querido colega e amigo Carlos Reis garantiu-nos a honrosa parceria com a Fundação José Saramago, e, desde então, ambos nos empenhamos na busca do melhor, para bem celebrarmos o grande autor, a grande pessoa. Aderindo a este propósito, Ana Ventura Miranda, do *Arte Institute* de New York, ofertou-nos sua colaboração, com o entusiasmo que a caracteriza, ao nos oferecer a “experiência visual e musical” que transcorreu no Palácio de São Clemente.

Na escolha do título-tema do evento, o elo entre o Real Gabinete e a obra de Saramago facilmente emergiu, ao constatarmos que a nossa magnífica claraboia do Salão de Leitura, uma rosácea “máquina do mundo”, como lhe chamou José Miguel Wisnik, repercutia no título *Claraboia*, livro concluído em 1953, e um dos primeiros assinados por Saramago, mas apenas publicado postumamente. Um livro que aguardou emergir durante 58 anos, enquanto outros títulos saramaguianos fulgiam, emblematiza uma paciente pertinácia, semelhante à dos livros que, sob a luz da claraboia, abarrotam as estantes de nossa biblioteca e aguardam ser lidos. “No limbo onde esperam a luz que os batize”, diria Camilo Pessanha.

Nascido no mesmo ano em que Sacadura Cabral e Gago Coutinho cruzavam o Atlântico Sul pela primeira vez por via aérea, Saramago parece ter nascido sob o signo do pioneirismo. Pioneirismo que o conduz ao primeiro e único Prêmio Nobel da Literatura em Língua Portuguesa, embarcado tanto numa setecentista máquina voadora como numa ibérica jangada de pedra.

Agudas abordagens sobre sua obra preencheram os três dias do colóquio. Mas, a partir de um convívio esparso, porém sempre estimulante, permiti-me recordar alguns de seus momentos brasileiros, marcados pela sua generosidade, a sua solicitude, a sua plena empatia com o humano.

Recordei, por exemplo, numa situação tensa, as suas palavras de apreço, em voz alta e firme, declinando nome a nome, com apostos carinhosos, os organizadores de um grande congresso, quando, devido a inesperados mal-entendidos, no almoço em Niterói, havia mais gente do que refeições disponíveis.

De sua voz, recordei também o entoar afinado de um cante alentejano, enquanto tardava, mais do que o aceitável para nossos estômagos, o jantar num restaurante de Belo Horizonte.

De seu olhar sensível, recordei as observações que fazia sobre o barroco brasileiro durante uma visita a Ouro Preto, tornando ainda mais preciosa aquela joia de cidade histórica.

Recordei ainda como foi capaz de manter longo diálogo com uma pessoa muito mais ouvinte do que falante, porque, segundo esta, ao contrário da maioria dos interlocutores, ele perguntava, ouvia a resposta, tecia considerações e mais perguntava...

Recordei, por fim, que, na sua primeira vinda ao Brasil depois de recebido o Prêmio Nobel, precisamente na Bienal do Livro do Rio, deixou claro aos organizadores que ele só compareceria a sessões para as quais todos os demais escritores da delegação portuguesa fossem convidados.

Tendo em mente *flashes* como estes, repito que não medimos esforços para condignamente homenagear o nosso amigo Saramago. E, assim, para ainda mais aprendermos, trouxemos os signatários brasileiros das primeiras teses de Doutorado sobre Saramago: Teresa Cristina Cerdeira e Horácio Costa\*, responsáveis por uma “escola” de estudos saramaguianos na UFRJ e na USP, que rapidamente se alastrou pelo país e perdura por algumas gerações. Trouxemos também Sara Grünhagen, a autora de uma tese defendida em Paris em 2021, que, se não é a última, é a mais importante dos últimos anos, segundo avaliação cabal de Carlos Reis.

Trouxemos ainda três jovens escritores, todos de fora de Portugal, vencedores do Prêmio Saramago – os brasileiros Andrea del Fuego (2011) e Julián Fuks\* (2017), e o angolano Ondjaki (2013), que comandou um espetáculo musical em torno da língua que nos une e cujas diversificadas manifestações Saramago tão ciosamente defendia.

Outros leitores, de várias procedências e várias idades, vieram somar suas vozes e seus saberes a este encontro cultural e afetivo, que, como facilmente se percebe, prima pela amplitude de enfoques da diversificada obra saramaguiana. São eles: Silvio Renato Jorge, Vanessa Ribeiro, Burghard Baltrusch, Saulo Gomes Thimoteo, Maria Luiza Scher, Nefatalin Gonçalves.

Também pretendíamos que Pilar del Rio estivesse entre nós. Na impossibilidade, enviou-nos a seguinte mensagem:

*Querida Gilda,*

*Antes de mais, obrigada pelo convite a participar na abertura dessas belas jornadas no Real Gabinete Português de Leitura, local de tanta memória coletiva e pessoal, de tanta emoção. Agradeço a generosidade do convite ao mesmo tempo em que anuncio, com pesar, que não poderei estar no Rio nessas datas. Depois dos dias em Belém do Pará, irei para São Paulo, onde me aguardam várias atividades públicas, e de São Paulo terei que regressar a Lisboa, também com agenda já definida. Realmente, o Centenário de José Saramago e a responsabilidade de presidir a Fundação não permitem que o livre arbítrio se expresse; tenho que estar onde tenho que estar e ponto final. Não há opção.*

*No Real Gabinete contam com o Professor Carlos Reis que, como membro do Conselho de Curadores, representará a Fundação José Saramago, além de ser o Comissário do Centenário. Garanto que ganham*

*com a sua presença na mesa de abertura. E saiba que, de algum lugar de Portugal, estarei aplaudindo “A celebração da luz”, título que me veio espontaneamente quando o que eu queria dizer era “Á luz da claraboia”... Claraboia, o romance não editado em vida de José Saramago, foi o último que traduzi para o espanhol, razão pela qual, entre muitos outros motivos, me sinto ligada à convocatória que o Gabinete ora faz aos leitores. Pessoalmente, desfrutar dessa luz e desse espaço ficará para outra ocasião.*

*Em nome da Fundação, e em meu próprio, agradeço ao Real Gabinete Português de Leitura a iniciativa e o esforço da realização. Será um abraço que unirá vários continentes e muitas formas de se sentir e de se expressar artística e academicamente. Com a Literatura ao fundo e com José Saramago como símbolo vivo. Obrigada por tudo*

*À Presidência do Gabinete Real, saudações especiais. E para você, querida Gilda, também, um grande abraço. Até breve, você verá que sim.*

*Pilar del Río*

Posto isto, só me resta convidar quem aqui nos lê a seguir o resgate possível, via textual, das sessões programadas para o tríduo comemorativo, organizadas, como disse Pilar, *com a Literatura ao fundo e com José Saramago como símbolo vivo.*

Gilda Santos

\* Motivos incontornáveis impediram o envio de seu texto para esta publicação.